

MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

ANO VII

Sem Rei não há União Nacional

NÚM. 39

São Paulo, Setembro-Outubro de 1961 — Caixa Postal, 1.304

Director: A. VEIGA DOS SANTOS — Redactor-Secretário: José de OLIVEIRA PIIXO — Redactor-Chefe: Arlindo BAPTISTA PEREIRA

IMPERADORES NO EXÍLIO



Suas Altezas Imperiais e Reais D. Luis de Orléans-Bragança e D. Maria Pia de Orléans-Bragança

Esse, junto à Consorte, aspirou para a Pátria um destino soberbo, em sonho todo azul, e, em prematura morte, ascendeu para o império contemplando o Brasil do Cruzeiro do Sul.

P.-N.

NOTAS DOUTRINÁRIAS

A Igreja precisa do Estado, como a alma precisa do corpo.

O Estado precisa da Igreja, como o corpo precisa da alma.

Pode a alma estar sempre em paz com o corpo?
Desejável fóra que o pudesse.

Pode a Igreja, nesta peregrinação contingente e contraditória, estar sempre em paz com o Estado?

De deparar seria que o pudesse.

Nem por isso deixam de ser solidários com os do corpo os interesses da alma, e os do Estado com os da Igreja.

Enquanto peregrinamos neste exílio, padecemos dele as suspiradas harmonias perdidas com o pecado original, tanto na pessoa individual, se assim é licito dizer, como na pessoa colectiva.

Sómente a plenitude da Redenção poderá mudar esta situação precária e lastimosa que postula o Reino de Deus.

À questão capciosa que se Lhe propôs, respondeu o Senhor por aquela divina maneira assás conhecida:

"DAI A CÉSAR (Estado) O QUE É DE CÉSAR E A DEUS O QUE É DE DEUS".

Se César ali é o Estado, Deus ali é a Igreja, seu Corpo Místico no tempo a caminho da eternidade.

"Dai a Deus o que é de Deus".

Está César ou o Estado fora desse *dar-se*, fora dessa doação?

De modo nenhum. César também é de Deus.

Dai "a César" o que é de César e a "Deus" o que é de

Deus implica apenas uma gradação e distinção de funções, que não uma separação herética.

E nisso erra muita gente boa, cuja responsabilidade exigiria cuidasse melhor de aprofundar a ciência e pedir a graça da Sabedoria a Deus.

Distingue-se do corpo a alma — mas o destino é do homem integralmente considerado.

Assim também o Estado. Ou se afirma como realizador das condições temporais para a consecução e realização do Reino de Deus, ou se omite criminosamente como pagão irredento.

Estado que não realiza a Ordem que Deus quer cria a desordem satânica em TODA a vida das colectividades.

É discolo e traidor das suas responsabilidades todo político cristão jejuno dessas verdades salvíficas.

"Dai a Deus o que é de Deus".

Dai, pois, César a Deus vós todos que haveis o poder eficaz de fazê-lo, se não quereis trair o Espírito e condenar-vos, porque certamente SEREIS CONDENADOS pela omissão.

Ou, ainda, dê-se, entregue-se César "si" próprio a Deus.

Sómente assim poderemos nós todos, por nossa vez, "dar a César o que é de César", sem nos furtarmos ao nosso destino último. Sómente assim, poderá a humanidade salvar-se dos seus demónios inumeráveis.

Talvez pareçam duras estas palavras aos superficiais e ignorantes "filhos dos homens".

São, porém, verdade e vida.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

NÃO HÁ DÚVIDA ALGUMA DE QUE A MONARQUIA É AINDA PARA O BRASIL O MELHOR DOS GOVERNOS. FOI UM GRANDE ERRO A REPÚBLICA PARA O BRASIL. — Getúlio Vargas
(Palavras ditas no Palácio do Grão-Pará e reproduzidas na "Tribuna de Petrópolis", em 15-8-1951).

E' Preciso acabar com Ela

LEMBRETE

Balançou, balançou... e não caiu; mas continua balançando. Vai cair, talvez, mais cedo do que se pensa. Quem tem dúvida disto?

Senhores Officiais das Forças Armadas do Brasil, aqui vos remeto mais um sermão: para que possais, abertos os vossos olhos, enxergar a realidade e as razões; e os porquês; e as origens do que está acontecendo. Mas, direis: nós as conhecemos. Enganais-vos. Pensais que as conheceis — e os recentes acontecimentos gritam isto — mas, em verdade, continuais, apesar dos nossos esforços, ILUDIDOS.

Meus caros oficiais:

Já nos primeiros dias da RE ficou claro, para quem quisesse ver, que o regimen recém implantado, começava a ser a causa, PRIMEIRA E ÚNICA, da "desgraça nacional". Em seu discurso de 3 de novembro de 1891, no Senado, disse o seguinte, o RuiM Barbosa: Finanças e Política da república — Discursos e Escritos — 1.892 — pág. 3) — "Uma república, entre nós, seria talvez apenas um simples entre-coto revolucionário, capaz de terminar pela restauração.

Mas, no dia em que o governo Provisório proclamou a forma federativa, no dia em que o Congresso Constituinte entregou aos Estados o foral da sua autonomia, ficou estabelecido para sempre o dilema entre a república e o DESMEMBRAMENTO" (Grifos nossos).

Vós que sois inteligentes, teréis compreendido? Comparai estas palavras — proféticas, porque proferidas por quem sabia o que dizia... com os recentes acontecimentos do Rio Grande, parabeios e concomitantes à atitude hostil e rebelde do III.º exército e áqueles acontecidos em 32. Comparai e MEDITAI!

O regimen político, desgraçadamente instaurado em 15 de novembro de 1.889, tinha esse e outros nefandos desígnios e é o próprio RuiM Barbosa quem deles nos dá notícia confessando-o nesse mesmo discurso (pág. 9): "O homem a quem coube a MISSÃO de desmontar o plano político das finanças da monarchia...". E, esse homem (que era ele mesmo) executou essa MISSÃO com mãos de mestre: não só as desmontou, mas ARRAZOU-AS. Espantado, porém, com a monstruosidade das conseqüências da sua obra, tenta jogar de si a culpa (o que mais tarde consegue, ao obter a solidariedade maçônica do Ministério) ao afirmar (pág. 103), como bom político republicano, mistificador e safado: "... em todo o nosso passado financeiro (No IMPÉRIO, portanto), quando foi jamais que se estabelecerem contra o cambio um aparelho de pressão tão estupendo? Quando se viu elle, jamais submetido a esse regime espoliativo? Quando se conjuraram simultaneamente influencias tantas e tamanhas para esse effeito?"

Por que isto aconteceu a partir do 15 de novembro de 89 — e não havia acontecido "em todo o nosso passado financeiro" — apesar de termos tido governos instáveis (DE GABINETE — PARLAMENTARISTAS) que levaram D. Pedro II a afirmar, de certa feita, que havia passado 50 anos a carregar maus governos?

Por que, senhores officiais das Forças Armadas do Brasil apesar desses maus governos, porque instáveis, essas cousas horríveis: especulações nocivas e influências estranhas, não se fizeram sentir durante o IMPÉRIO (todo o nosso passado, não se esqueçam)?

Não será, senhores, porque o regimen político ERA OUTRO? Não será porque tínhamos a nos governar um regimen que não era República bagunceira, indefesa e sem comando, mas um regimen melhor, superior, mais conforme à natureza das cousas; mais conforme ao ser nacional; mais conforme ao país real, a MONARQUIA?

Confirmando esta conclusão, temos as próprias palavras do RuiM Barbosa (mesma obra, pag. 104): "Essa desconfiança (referia-se a dos capitais estrangeiros que fugiam do Brasil) em virtude do descalabro provocado pela execução de tal sua MISSÃO, em boa parte explicavel ante os destinos obscuros de uma revolução, que substituiu inesperadamente a república pela Monarquia no seio de UM POVO MONARCHICAMENTE CREADO DESDE AS SUAS ORIGENS..."

Não védes, caríssimos officiais das Forças Armadas do Brasil, pelos recentes acontecimentos, que o povo brasileiro

continua a ser um povo MONARCHICAMENTE CREADO DESDE AS SUAS ORIGENS, totalmente desinteressado e apartado da politica-NALHA republicana, continuando a tudo assistir, (como o vem fazendo desde o principio, desde o 15 de novembro de 89) "estupidificado", porque não comprehende o porquê das cousas, apenas sentindo o rigor de suas malélicas conseqüências?

X X X

A RE pública foi a DESGRAÇA COMPLETA do Brasil. Todos o sabiam, inclusive o próprio DEODORO, que afirmou isto em carta a um sobrinho. Mas, as seitas secretas inter-nacionais, não queriam saber disso e o seu servo RuiM Barbosa, mal conseguiram elas, por artes diabólicas, derrubar a MONARQUIA, logo executou a MISSÃO que as mesmas lhe confiaram, covardemente, — porque conscientemente — eis que sabia o mal que a RE pública já nos havia causado. A pag. 105, daquela obra, nos diz, confirmando isto. Tão grave concurso de maus influxos políticos NUNCA OPEROU SOBRE NÓS, desde o termo daquelle periodo de comouões e desordens, com que a reação dos vícios do primeiro reinado (na sua interessada e por isso desautorizada opinião...) atuou sobre o periodo inicial do segundo.

E que periodo foi este, senhores officiais das Forças Armadas do Brasil? Não teria sido o das Regências (Nove Anos de república no Império Brasileiro — VEIGA DOS SANTOS — conferência no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo), autêntico periodo de governo republicano, com todas as características atuais (e de sempre) desse regimen: "...indisciplina... tanto nos partidos como nos quartéis... excessos de demagogia partidária... golpes estratégicos dos demagogos...? (Citações de Max Fleiuss, referindo-se áquele periodo 1.831 — 1.840)

Ora, senhores officiais das Forças Armadas do Brasil, se esses "maus influxos políticos" nunca atuaram sobre nós então naquelle periodo regencial-republicano (fim de primeiro reinado e principio do segundo) e a partir da obra nefasta, canalha e traidora da tal MISSÃO, (a partir de 15 de novembro de 89), logo se conclui que o periodo infenso a essas bandalheiras que levaram o país á desgraça completa, foi o que se situou, exactamente, no primeiro reinado (e, antes d'ele, na Monarquia Portuguesa) e no segundo, PORTANTO na vigência do bom regimen: o MONARQUICO. Não lhes parece?

E tem mais, senhores officiais das Forças Armadas do Brasil, para vosso escaamento. A pag. 117, o famoso "água" disse o seguinte: "Sob a república inumeros elementos, como já vistes, confluíram para a tumefacção do agio do ouro; e a especulação cevou-se nesses elementos, medrando nelles, como o canero no organismo que destroe".

Por que, lhes pergunto, esses elementos não medraram e essa especulação nelles não se cevou no Império, embora tivéssemos durante 67 anos de sua vigência, inúmeras crises de ordem financeira, mas que prontamente foram debeladas, apesar dos maus governos parlamentaristas que as viveram? Não será porque não éramos uma RE pública, regimen desorganizado, fraco, sem comando estável e sólido (onde todos mandam e ninguém obedece), mas um IMPÉRIO, regimen político sério, honesto, e, sob comando constante e estável de um REI Juiz sereno, porque isento da paixão política, de partidarios interesses e desagregadores, que governa o país no sentido do bem comum, não só com o sentido em sua continuidade no poder, mas no de poder transmiti-lo pacificamente ao seu filho mais velho (criado desde a mais tenra infância para isso), sem traumas sucessórios republicanos, sempre amado pelo seu povo de quem é o guia e o Juiz supremo?

Quando afirmamos que a RE pública é um regimen estrangeiro (e do estrangeiro...) e, por isso mesmo, anti-nacional, não o dizemos por "alegres". Buscamos na História os exemplos que dão cobertura de provas iniludíveis ao que afirmamos. O RuiM Barbosa é uma das nossas melhores e

"NÃO TE MÉTAS EM QUESTÕES REPUBLICANAS, PORQUANTO — REPÚBLICA NO BRASIL E DESGRAÇA COMPLETA — É A MESMA COUSA: OS BRASILEIROS NUNCA SE PREPARARAM PARA ISSO, PORQUE SEMPRE LHEM FALTARA EDUCAÇÃO E REFFITO PARA ISSO". MAL, DEODORO, Carta a um sobrinho, em Setembro de 1888

... NOS CONTÁVAMOS SESSENTA ANOS DE ORDEN CONSTITUCIONAL COM A MONARQUIA E DELA VARIÁRAMOS SUBITAMENTE PARA UMA NOVIDADE QUE NÃO TINHA A MENOR RADÍCULA NA HISTÓRIA, OU NO TEMPERAMENTO NACIONAL. — Rui Barbosa — (Discurso em Campinas, 1909).

mais subtílicas fontes. Além e acima de tudo insuspeito... para isso. Vejamos o que ele diz, a este propósito, * pág. 121, daquela sua obra: "... temos diante de nós, por este sorriso irresistível, o ESPETÁCULO SEM PRECEDENTES de uma nação inteira, explorada nos seus mais graves interesses financeiros por uma casa particular de especulação mercantil. E dest'arte, um simples milhão esterlino, maneado secundum artem usuro por ambições que o patriotismo (?) não refreia, põe e dispõe IMPUNEMENTE das mais melindrosas conveniências do país". (Os grifos, as interrogações e exclamações maliciosas continuam a ser nossas).

Por que, volto a lhes perguntar, senhores oficiais das Forças Armadas do Brasil, isto não aconteceu no IMPÉRIO (lembrem-se: espetáculo SEM PRECEDENTES) e passou a acontecer a partir de 15 de novembro de 89? Não lhes parece óbvio que algo devia existir naquele tempo que vedasse tais acontecimentos? Seriam os homens? Mas, neste caso, seria argumentar-se pelo absurdo de que os homens no Império eram honestos e os mesmos homens, na RE pública (apenas dois anos após a queda do Império — 1891 — quando este discurso foi pronunciado no Senado), deixaram de sê-lo. Mesmo assim, chegaríamos à conclusão de que o IMPÉRIO era um freio aos maus instintos dos homens: não cometiam crimes contra o Brasil, no Império. MAS, passaram a cometê-los na RE pública. Não concluiríamos, por isso e portanto, que a MONARQUIA é melhor regime que a RE?

Ignorante, ou safadamente, poderá dizer-se, ofuscando a História, que isto aconteceu naquela época e só naquela época. Errarão os que o admitirem. A bagunça continuou, porque a RE é o regime ideal da IMPUNIDADE. Ninguém pune ninguém agora, para não ser punido mais tarde. A oposição é candidata a governo... Em 1898, diz-nos o Dr. Vieira Souto (A situação Económica — 1.901 — pag. 16): "... e os institutos de crédito estrangeiros, percebendo a situação (como sempre, de calunidade financeira dos DES-governos republicanos...) elevaram logo a taxa cambial e compraram por menos o que o Banco da República adquirira por mais." Mais tarde, em 1.909, diz-nos Carlos Inglês de Souza (A solução da Crise Económica Brasileira — 1925 — pag. 51) "o que aconteceu foi que, pouco a pouco, se foram esgotando os recursos do Banco do Brasil e do Erário, tragados suave e mansamente pelos institutos estrangeiros." A pag. 52, nos conta a história do ano de 1.913: "Os bancos estrangeiros receberam ordens terminantes para remeter fundos às suas matrizes... foram caçando calmamente as notas representativas do ouro, trocando-as pelo papel-moeda." e, por isso, souu a hora de morte da Caixa de Conversão".

Pergunto-lhes, senhores oficiais das Forças Armadas do Brasil, alguém foi punido por essas infâmias? Alguém foi punido por outras mais que se têm cometido e se continuam a cometer, mesmo agora? Os senhores já viram, desde 15 de novembro de 89, alguém ser punido pelos crimes praticados contra a Nação, contra o Brasil? Os senhores já viram em alguma parte ladrão punir ladrão? Os ladrões sempre se entendem...

X X X

A obra do RuiM Barbosa foi mais profunda e completa do que se pensa. Não só anarquizou as finanças da época, mas cavou mais fundo, para o futuro, ao dar início ao monstro que as iria sugar, nos orçamentos do Estado pelos anos a fora. Ao fundar o Banco da República, deu início ao apadrinhamento; ao filiolismo; ao "cabide de empregos". Em seu discurso no Senado, de 12 de Janeiro de 1.891 (mesma obra, pag. 179), nos dá conta desta bandalheira: Ao presidente do Banco... "apenas indiquei dois nomes, que me pareciam aconselháveis pela filiação republicana: o do Dr... e o do Dr...". "Mas, lembro-me que o advogado do banco foi também escolhido a pedido meu"... "empenhei-me também pela nomeação de um engenheiro"... "cabia-me nomear o fiscal; mais um republicano entrou por esta porta no grande banco"... "Meu propósito era apoiar o novo estabelecimento em filiações republicanas, por todos os lados". (Veja-se a safadeza do homem; num só parágrafo de seu discurso diz e desdiz a mesma coisa. Apenas indicou dois, mas as nomeações que fez foram inúmeras...)

Claro está que a coisa não ficou aí. Com o seu exemplo, por certo, por certíssimo, o presidente do banco e os demais importantes também se julgaram não só no direito, mas no "dever" de os nomear... para o "bem" da RE. Daí a avalanche deles que hoje existem, nomeados por todos os demais políticos que, de lá para cá, se acharam no direito e no "dever" de nomeá-los em benefício e como prêmio de suas eleições...

Clinicamente, porém, o RuiM Barbosa, diz à pag. 180: "O pasto oferecido entre nós às paixões do governo, à gula política, já é vasta em demasia. As maiores posições do Estado acham-se hoje (portanto, não estavam antes, isto é, no IMPÉRIO) entregues à sede de poder que devora as democracias". (Ué! e tu que pensava que as democracias eram regime puro, isento de senões, a super maravilha tão apregoadas e decantadas pelos ignorantes da ciência política...)

Não vêdes vós, caríssimos oficiais das Forças Armadas do Brasil, neste desabafo ruimbarbosiano, uma semelhança total com o que ocorre presentemente? Por que isto? Não será porque permaneceu o elemento comum às duas épocas. Isto é, o regime republicano já que os homens — a quem os republicanos ignorantes e safados por natureza, costumam atribuir a culpa dos males da república — são outros agora, pois aqueles, os daquela época, morreram há muito tempo?

O que é a RE pública, senão a vaca leiteira em que se "deleitam" afora os milhões de apadrinhados políticos, essa corja danada que se deu a si própria o título mentiroso de "representantes do povo"? O próprio RuiM Barbosa já o confessara (mesma obra, pag. 182): "Nós conhecemos a relação fisiológica entre a política e o estômago...". E ninguém poderá desmenti-lo, ou contradizê-lo pois que o safadinho era catadrático no assunto...

Pergunto-vos, senhores oficiais das Forças Armadas do Brasil, não vêdes aqui semelhança entre aquela afirmação do Ruimzinho, com o que aconteceu recentissimamente em Brasília? O espetáculo deprimente de 300 e tantos safados que, apenas há 30 dias atrás haviam votado a lei do recesso remunerado (sossêgo remunerado seria melhor dizer-se) a fritar, esganigados, em desespero, a vigília cívica (na qual trabalharam na Câmara e no Senado, em trabalho insano, as vinte e quatro horas de cada dia que durou a crise), em "defesa" da constituição: do regime: das liberdades públicas? Não é mais lógico e, mesmo, mais certo pensar-se que estavam defendendo o estômago? Os 340 "pacotes" mensais? As verbas pessoais que "distribuem" anualmente, as quais, CRIMINOSAMENTE, votaram para si próprios? As vendas de voto? E, outras "coisitas" mais?

Os defensores safados ou inconscientes, dessa porcaria que se convencionou chamar de regime republicano e que

(Cont. pag. seguinte)

PARTIDOS

O partido permanente é contra a natureza do Estado. Só se tolera o partido em sã doutrina política (a da Revolução não é sã) para propugnar uma reivindicação específica, como por exemplo aconteceu com o da Maioridade, para levar o imperador D. Pedro II ao trono precocemente, no século passado.

Obtida a finalidade (legítima), extingue-se. "Legítima", dizemos, porque as há ilegítimas, como o socialismo ou seu siamês o comunismo, a anarquia, o ateísmo, etc.. Daí a necessidade de um pensamento "teológico" próprio, exclusivo, no Estado, protecção contra os utópicos e desordeiros.

O partido revelou-se negativo (e fatalmente assim tinha de ser) como fonte de representação, substituindo ineptamente a antiga forma natural e cristã pre-liberal.

Não vamos discutir os partidos ingleses. Foses realmente não representam apenas idéias ou intuítos especiais, mas (para viverem a realidade) se encarnam hábilmente em vivências nacionais permanentes, alheias à mera utopia ideológica.

INCOERÊNCIA

Muitas autoridades sociais, em certos meios agostos, se opõem à propaganda cristã e nacional dos patrianovistas, pois são confusamente... republicanas!

No entanto, nesses mesmos meios há mal disfarçadas insinuações esquerdistas que ninguém vê e a que ninguém se opõe resolutamente... protestando serem elas "democráticas" ou progressistas, termos que até um idiota sabe o que actualmente significam.

É preciso acabar com Ela

(Continuação da 2.ª pág)

costumam arengar que o mal é dos homens e não do regimen. Atribuem à continua queda da moralidade dos ditos cujos, o estado de decomposição moral a que chegou a administração da ré pública entre nós, esquecidos que este fenómeno se encontra em todas as réspas espalhadas pelos quatro cantos da terra (nas monarquias que ainda hoje existem e que são muitas, convém frizar, este mal não existe).

Não é dos homens o mal, mas do regimen e a prova do que afirmamos, vamos buscá-la, ainda mais uma vez, no próprio pai da RE, o RuiM Barbosa: (Discurso de 13 de Janeiro de 1.892 mesma obra, pág. 225): "Chega a me parecer, ante essa furia de desorganização, que anda (portanto, não andava, no Império) grassando entre nós verdadeira epidemia de loucura... a flôr, a mala, o mimso das nossas reformas e esta revelação, (o que se revelou, portanto, não existia no Império), nas classes dirigentes, de um estado social, em que se perden a consciéncia jurídica, e JA (portanto, notem, anteriormente, no IMPÉRIO, isto não acontecia, se não distinguem uma reivindicação de um roubo".

Como explicar, senhores oficiais das Forças Armadas do Brasil, a continuidade, no tempo, destes factos? Se era assim como agora é, em 1.892, não será porque continua a funcionar a causa mesma desses factos, isto é, a "máquina de pentear macacos" chamada RE pública?

Dissemos acima que as bandalheiras republicanas são lugar comum em todas as réspas espalhadas pelos quatro cantos da terra e que, nas MONARQUIAS, que são muitas as que ainda existem, esses fatos vergonhosos não acontecem. Contestam-nos os safados e os INOCENTES INUTEIS, dizendo que existem modelos de réspas, como por exemplo os ESTADOS UNIDOS (os verdadeiros, nós somos um seu macaquinho...).

Vamos ver o que nos diz o RuiM Barbosa a respeito disto: (mesmo discurso; mesma obra, pág. 286): "Eu lia há poucos meses o Diário de William Maclay... o verdadeiro fundador do partido democrático dos Estados Unidos... espirito austero e veraz, traçar da politica americana, por esses tempos, um quadro bem diverso do que a admiração da posteridade pela obra de Washington costuma imaginar: o domínio de interesse privado, o campear "das mais torpes transações", entre o Congresso e Ministério da Fazenda, "a compra da Camara dos Representantes" pelo governo, o "aluguel de senadores" (note-se que hoje eles aperfeiçoaram o negócio de tal maneira que existem nos corredores do Congresso dos tais Estados Unidos os "lobys", corretores intermediários nesses alugueis — O jornal O Estado de São Paulo, deu-nos noticia disto, louvando-se no Congressional Record, órgão do Congresso americano), as ameaças de derrota eleitoral contra os membros independentes da opposição".

Que tal, senhores oficiais das Forças Armadas do Brasil, não é o retrato, projetado no tempo, da actual situação politica brasileira? Era assim em 1.891 e 1.892, (conforme o RuiM Barbosa); é assim agora, Qual a causa? Qual a razão? Não será o único elemento comum às duas épocas: o regimen republicano?

Neste mesmo sentido e citando A Karr (ver apêndice V, mesma obra, pág. 434), diz RuiM Barbosa: "Noutro escritor cujo patriotismo, desinteresse e talento não se poderá contestar encontro, acerca da França republicana, as mesmas opiniões, de que vêm a propósito alguns exemplos: "temos descido, e, entretanto, quasi ninguém parece perceber-o, a época, de que falava Madame d'Aldhemar (não confundir com o ex-prefeito, governador de São Paulo e candidato à presidência da RE...): "Beiravamos a catastrophe, e corrimos de festa em festa, de prazeres em prazeres".

...os advogados tornam-se tribunos, ministros os vau-devillistas, deputados os taverneiros; envenena-se um povo, outrora naturalmente jovial e bom, de odio, avidez e violências... Prega-se uma liberdade, que consiste em oprimir os outros, uma igualdade, que ninguém admite senão para com os superiores, mesmo sob a condição de trepar-lhes aos hombros, ou à cabeça, uma fraternidade de irmãos Cains".

...investir contra os abusos, não para os destruir, mas para os conquistar. Qualificar de tiranos os reis mais bondosos, para os substituir por verdadeiros tiranos.

Que vimos hoje, com effeito, nisso, a que, por hábito, chamamos governo? Arremedo, em grande, do que passava nas Tulherias, em fevereiro de 1848 acrescentando com a hypocrisia das formas legais, as caballos mais numerosas, os tunantes, os frutos pécos, os incapazes e outros aposentados, nos paços dos reis, nas funções e nos cargos, dormindo nas camas dos principes, belserricando à porfia. Sómente já não é mais nas Tulherias que se acastelam; é a França inteira que eles trincam, que eles babam, que eles deshonoram, tal qual

nas Tulherias em 1848. Sómente já não bastam a cada um 12.000 francos de renda. Certificado de patriotas e bons cidadãos, dão-lhes elles a si mesmos: sobretudo não deixam revistar-se no saír".

Direis, senhores oficiais das Forças Armadas do Brasil, isto foi em 1.848...

Não; não foi só em 1848; continua o mesmo estado de coisas até hoje, pois que continuou a sua causa — o regimen republicano.

Jacques Valdour, em sua obra Organização Monárquica do Estado, de 1.933 (tradução do Dr. Arlindo VEIGA DOS SANTOS) e para finalizarmos, diz o seguinte da França actual:

"Andam em brêllo o Estado e a França.

Democracia é demagogia e plutocracia.

Se corruptivel é todo o homem e susceptivel de tornar-se venal qualquer politico, podem as instituições facilitar e propagar a corrupção ou, muito ao contrario, obstá-los. O regimen que à eleição entrega, com todos os poderes públicos, a Soberania mesma, universaliza a corrupção propagando-a em todas as classes pelo funcionamento do mecanismo constitucional e, generalizando-a, assegura à venalidade uma impunidade que a faz inevitável doravante. O regimen electivo inclina o candidato a prometer à sua clientela electoral os favores de que disporá, uma vez investido dos poderes públicos. Nesse declive, nada mais deterrá eleitores e futuros eleitos. Entre o candidato e o colégio eleitoral, entre o futuro ministro e os grupos parlamentares (notem que, na França, naquela altura vigia o parlamentarismo!), estabelece-se a negociata inevitável. O regimen electivo repousa numa trapacaria perpétua. A vida politica torna-se feira. Mas quem paga tudo é a França: é o interesse nacional que se sacrifica nesse torrelinho dos interesses particulares em que cada qual acredita ganhar em detrimento da colectividade, e em que finalmente todos, salvo alguns agiotas, uma quadrilha, tudo perderão, tanto eles como o Estado. Desde 1919, temos assistido a várias tentativas de recuperação financeira, havendo sido apenas passageiro o effeito prometido, com a volta immediata do dominio da desordem, recomencendo após breve pausa, a queda, mais inquietante, mais irremediável. Têm sido vão os sacrificios impostos aos contribuintes".

Em cinqüenta annos, através de perturbações revolucionárias perpétuas e uma guerra tremenda, seguiram os escândalos uma progressão rápida não cessaram de crescer em rapidez acelerada o número e gravidade deles; tanto quanto puderam, os cúmplices do poder, assim por espirito de partido como para se reservarem outros tantos fructuosos proventos futuros, largamente tolheram o curso da justiça e salvaram os mais importantes culpados. Sobre a moralidade pública, exerceram tais impunidades a mais funesta influencia: baixaram-na grandemente; muitos admiraram a habilidade dos concessionários e calcularam o quanto teriam lucrado com alliar-se aos poderes e métodos deles. Se a opinião acabou hoje por sublevar-se, foi porque a pilhagem do orçamento e dos contribuintes, junto às falestruas dos politicos, exgotou as caixas do Estado... etc. etc. etc."

Acho que basta isto, senhores oficiais das Forças Armadas do Brasil, para vos convencerdes da realidade: a instituição politica republicana é o grande mal de que padece o Brasil.

Dentro em breve, quando se entrechocarem definitivamente os interesses que ora lutam pela hegemonia politica no Brasil, sereis chamados a dar a vossa opinião, também definitiva, sobre os rumos que deverão ser seguidos pela nossa Pátria.

Lembral-vos ENTÃO, do que ora vos digo.

O Brasil espera que cumpris com o vosso dever.

Certamente o cumprireis, PARA BEM DO POVO E FELICIDADE GERAL DA NAÇÃO!

JOSÉ DE OLIVEIRA PINHO

ESCOLHA FATAL

Esta geração, queira ou não queira, goste ou não goste, terá de escolher entre o Brasil e a República, coisas antinómicas.

Se quiser conservar a república, perderá o Brasil. Perde-lo-á fatalmente.

Pois o desfecho lógico disso que está aí é necessariamente a desordem total desembocando no totalitarismo vermelho e diabólico.

Já se não precisam raciocínios para provar. Estamos em face de um estadinho cínicamente traidor da Pátria.

Não pode haver diversidade de politica interna e externa; uma segue a outra, illusório é pensar o contrario. Não é à toa que, com esta gente a fingir governar o Brasil, anda tão eufórica quinta coluna urssista.

IMPERIALISMO MATERIALISTA (Concl. da pag. 6)

ropéia sob a disciplina russa e totalitária" (La tragédie du marxisme. Du Manifeste communiste à la stratégie totalitaire).

Inegável que esta é a linha estratégica do sovietismo russo. Não por negação da base marxista tradicional, senão por natural decomposição dos seus postulados. Degenera desta maneira toda doutrina que não tenha outros fundamentos além dos materialistas e oportunistas. Algum ideólogo marxista de grande tómo, como Zélanov, foi o representante típico desta orientação; deu ele impulso fanático a tendência nacionalista e expansiva da URSS.

Tudo isto tem, apesar da sua contradição teórica, certo decôro. Que pensar, porém, dos infinitos Toçliatzi e Thorez que favorecem os planos imperialistas de Moscôvia? A vitória de tais projectos significaria o desaparecimento das suas próprias nacionalidades e a escravidão dos seus povos. Poder-se-ia perdoar a traição a uma idéia nacional que não sentem, porém de maneira nenhuma a abjecta condição duma política nacional estrangeira. Os Sovietes não buscam adeptos, mas sim escravos; se tratam de minar a resistência dos países soberanos é para convertê-los, em colônias ou feitorias da sua própria estratégia nacionalista e imperial.

A XIV cláusula da Declaração de Varsóvia (espécie de Estatuto dos Partidos Comunistas) ordena: "Os grupos que desejem pertencer à Internacional comunista manterão sem reservas o seu apóio às repúblicas soviéticas na sua luta contra a contra-revolução, preconizando constantemente entre os operários o boicote de todo transporte de munições destinadas aos inimigos destas repúblicas, e manterão legalmente, ou em forma ilegal se preciso fôr, a propaganda entre as tropas enviadas a combater a Rússia". O conhecimento das estruturas internas que enlaçam as diversas células do comunismo internacional não pode alentar o mínimo programa de "coexistência pacífica".

Deve resultar edificante comprovar que a mentalidade imperante nas fileiras marxistas não difere das directivas estratégicas distribuídas de Varsóvia. O dirigente comunista brasileiro Luís Carlos Prestes declarou em 1946: "Se o Brasil chegasse a combater a Rússia, eu formaria nos grupos de guerrilheiros e, junto aos meus correligionários, lutaria activamente a favor da Rússia." Isto dá o tom do procedimento pessoal do fillado e põe a descoberto o verdadeiro fundo inteligível do marxismo. A palavra serena e sensata do chefe do Estado espanhol, Generalíssimo Francisco Franco, advertiu que "ninguém pode duvidar da política e intenções agressivas do comunismo soviético... Nada de ilusões — acrescentou: o agressão se desencadeará quando convier ao agressor; quando houver terminado a sua preparação e alcançado a decomposição do futuro inimigo para ter senara a vitória" (Declarações a los representantes de la Prensa norteamericana em Madrid, 6.7.1954). Esta decomposição interna das nações adversas ao regimen soviético é preparada e promovida pelos fillados a uma doutrina internacional, que não tem restrições éticas em seus atrevimentos. O comunista do Brasil ou da França ou dos Estados Unidos da América é instrumento cego de uma tática imoral, abrupta e traiçoeira.

Ninguém, porém, se meta a deducções apressadas sobre a matéria. Esse proceder não corresponde a reacções caprichosas do espirito desordenado; é próprio da dialéctica materialista, que leva ao internacionalismo. E o internacionalismo impõe a traição. A convicção de haver abraçado um ideal ecumênico e de ser parte de uma luta mundial estimula ao misticismo das mais grosseiras abstracções. Quando o comunista húngaro Rakosi compareceu perante os juizes de Budapeste, em 1926, acusado de conspirar com a organização internacional comunista, respondeu: "Sim, sinto-me responsável dessa actividade; porém, unicamente prestarei contas perante o proletariado, o partido comunista húngaro e a Internacional comunista. Não admito outros juizes". Assim, dá-se o caso de que homens que nestam acatamento ao Juiz dos Juizes e Legislador universal se inclinam ante os ídolos do internacionalismo marxista: o proletariado, o partido comunista, a revolução mundial...

Atilio GARCIA MELLID, Explicación del Comunismo a la luz de la Filosofía Católica", Madrid, Aguilar, 1955. Tradução de "MONARQUIA".

Republicanos Trapaceiros

Cumpra não esquecer que vários heróis de 15 de novembro publicamente se gabaram de inventores ou propaladores de falsas notícias a fim de excitar os ânimos e conseguir os seus fins revolucionários. Conde de Afonso Celso.

— Vê-se que são bons avós dos "comunas"...

Calendário Patrianovista

- 12 de outubro — DIA DA PADROEIRA DO BRASIL e da HISPANIDADE (Descobrimto da América).
 15 de novembro — DIA DOS MORTOS PATRIANOVISTAS.
 2 de dezembro — DIA DOS IMPERADORES (Dom João VI, Dom Pedro I, Dom Pedro II, Dona Isabel I e Dom Luís I).
 16 de dezembro — DIA DA COMUNIDADE LUSIADA (Elevação do Brasil a Reino).
 17 de dezembro — DIA DA UNIDADE IMPERIAL DO BRASIL (Dia dos Governadores-Gerais e Vice-Reis).

Truques da Ignorância

A abstrusa incoerência de tantos vive proclamando não ter importancia a forma de governo. Entretanto, falam, sabidos e melosos, de mudança de estrutura, reforma de estruturas, criação de estruturas — o que tudo significa regimen mesmo.

Gozados êses poços de preconceitos!!

REPISANDO

Tanto, mas tanto, já temos escrito em artigos que condensam pensamentos isolados dentro do conjunto doutrinário de nossa filosofia política que hoje, quando nos dispomos a escrever mais alguma coisa nova, nos sentimos como se embarcássemos no mesmo navio que há mais de 30 anos tripulamos e comandamos através dos mares encapelados e novidadeiros da república. Sobem e descem mares num continuo fluxo e refluxo de "conjunturas"; agitam-se as ondas; formam-se tempestades, coriscam raios, e o nosso soberbo navio a tudo enfrenta sem balanços, na rigorosa ortodoxia de seus princípios.

Dentro do barco, tudo conhecemos: nossos homens, nossos timoneiros, nossas máquinas, nossos beliches, nossas bússulas, nossos roteiros, nosso comandante. Assim, quando pensamos redigir um artigo, para não copiar aquilo que já escrevemos alhures, recorremos ao acidental "da novidade".

(o)

Novidade é pois repetir o já havido de forma diferente. O essencial é o imutável da nossa doutrina. O essencial é o Rei, são as corporações, é o território bem dividido e não mal separado, é a finança estável e a economia em prosperidade, são leis gerais e não bilhetinhos moleques com força de lei, é a produção natural e livre de controles valorizantes impostos pelos trustes e pelos institutos de café, cacau, borracha, açúcar, etc...

Em duas palavras: O essencial é o que vem do passado; é o que desejamos para nossos filhos, enquanto o acidental muitas vezes é patranha do demônio que tudo confunde, que nos distrai para picuinhas enquanto Satanás põe fogo na casa.

Ricardo BARRETOS

EM TODO PAIS DE LONGA HISTORIA
 COMO A NOSSA NAÇÃO,
 A POLITICA VÁ QUE TRADIÇÃO NAO FOR
 SERÁ SEMPRE TRAIÇÃO.

QUINTINO BOCAIUVA E A TAL...

"A formal declaração do capitão Mena Barreto de que a revolução era segura o sr. Quintino Bocaiuva declarou que "se o Exército assim não procedesse teríamos 3o., 4o. e 5o. reinados." (Deodoro, Ernesto Sena, 1913).

— Está claro. A Nação Brasileira nunca quis saber de república. "Uns" brasileiros não significam o Brasil, nem o representam. A ré nos foi imposta totalitária e violentamente.

O Melhor Exemplo

Estudando a evolução externa da Igreja (pois a doutrina é sempre a mesma e divina), vêmo-la progredir do primarismo democrático original para a perfeição monárquico-aristocrática do governo, recrutando elementos em todo o povo, sem preconceitos exclusivistas, justamente como a monarquia aristodemocrática da nossa Tradição Lusíada (Brasileo-portuguesa), actualizada pelo Patrianovismo.

IMPERIAL VISITA

Passados os dúbios dias da "crise presidencial", mais uma entre as inúmeras que vêm perseguindo o Brasil desde a imposição totalitária da República, confortou-nos a honra da visita que à nossa humilde sede fizeram Suas Altezas Imperiais e Reais, Sra. Dom Pedro Henrique de Bragança (DOM PEDRO III) e Dom Luis de Bragança, seu primogênito e futuro sucessor.

Este passa rápidas férias no Brasil, pois estuda em Universidade da Baviera, reino dos seus Avós maternos.

Assistiram Suas Altezas à nossa modesta tertúlia, após a brava pugna em que nos metéramos em dias anteriores, lutando pela única solução que seria consentânea com a nossa Tradição Total — a MONARQUIA ORGÂNICA.

Doutos Dinastas, tomaram parte Pai e Filho, com ponderações muito adequadas, nos debates havidos na prazerosa tarde de Setembro, mês dos dois faustos aniversários: dia 9, de S.A.I.R. Dona Maria Isabel; dia 13, de S. A. I. R. Dom Pedro Henrique, ali presente, recebendo as homenagens dos patrio-vistas, que aqui renovam os seus parabéns desejando ardentemente que, conjurada a doença intantil pela qual passa a nossa Pátria, readquiria ela a sua maioria com a ascensão de S.M. Dom Pedro III ao trono glorioso dos seus gloriosos Antepassados.

Tapeações

"Mesmo aqueles que se lançaram com entusiasmo à campanha republicana, desde logo patentearam a descrença não na República, mas, sim, no presidencialismo que, trasladado para o nosso país, não teve o mérito de sopitar as exaltações personalísticas de ordinário característicos de nossos homens públicos" — diz uma folha desta Capital.

Tapeação! "Não é esta a república dos meus sonhos" disseram alguns ou muitos deles. Como se a Nação, natural e historicamente Imperial, monárquica, devesse adaptar-se a sonhos de teóricos, tarados ou ignorantes presunçosos, e submeter-se a imposição de sistema estranhos "transladados". Regimen, cada povo tem o seu próprio, intransferível.

ABSURDO

Democracia é isso: um governo eleito por um décimo do povo (momento presente da Nação) vai contra os sentimentos, aspirações e crença do Povo e da Nação. Nesse caso da nossa política externa e, nomeadamente, no das relações entre Portugal e o Brasil, o Brasil oficial trai o Brasil real a favor de bandidos e terroristas internacionais. Iremos todos ainda sofrer muito por causa disso.

(NOTA — Isto foi escrito antes da crise Continua valendo e por isso o publicamos)

O Carácter de Deodoro

"Deodoro procurou acertar, e era decerto animado dos intentos mais patrióticos.

"Os grandes defeitos da sua gerência na causa pública provieram todos da completa falta de educação política e do seu excessivo orgulho e vaidade.

É o que diz o *Jornal do Comércio* de 23-8-1902, dando notícia do seu falecimento. E foi, portanto, um ignorante político, orgulhoso e vaidoso, que nos impuseram em lugar da Imperador D. Pedro II e de Isabel I.

HISTÓRIA NACIONAL

Devemos estudar o nosso Passado considerando-o todo nosso, contínuo, uno e inconsútil, com os seus acertos e erros e não atribuindo tôdas as virtudes e acertos à parte "nativa" e americana de nós e tôdas as desvirtudes e desacertos como da parte "ultramarina" de nós.

Não era assim que, a despeito das patranhas dos nossos historiadores, pensavam os nossos Antepassados, antes das influências estranhas ao nosso ser e interessadas em nossa ruína.

E, quando vieram essas más influências, não foi transformada só a parte nativa dos nossos mas também a parte ultramarina de nós que nacionalmente éramos todos portugueses.

Imperialismo Materialista

A dinâmica da história, tal como a concebem os marxistas, constitui o nexo evolutivo de um único processo espaço-temporal. E, pois, a deslocação da acção comunista não pode ater-se a fronteira territorial alguma. As ingenuas miragens dos que pensam o contrário se nutrem da ignorância da doutrina marxista. Escrevia Lênin: "O proletariado vitorioso (de um só país; neste caso, a Rússia) depois de haver expropriado os capitais e organizado no seu país a produção socialista, dirigir-se-á contra o resto do mundo capitalista, atraído para si as classes oprimidas dos demais países, impelindo-as a insurgir-se contra os capitalistas, empregando até mesmo, em caso de necessidade, a força militar contra as classes dos exploradores e os seus Estados" (Obras completas tomo XVIII). Por sua parte, Stálin acentua que "o desenvolvimento da revolução mundial será a ajuda trazida pelo primeiro país socialista aos obreiros e trabalhadores de todos os demais países" (Les questions du léninisme). Qual seja a eficácia corrosiva desse primeiro país socialista, di-lo o próprio Stálin, em falando do "vasto país dos Soviéticos, situado entre o Ocidente e o Oriente, entre o centro da exploração financeira do mundo e a área da opressão colonial, país que, pelo só facto da sua existência, "revolucionou o mundo inteiro..." (ibidem).

Não se trata de frases mais ou menos insidiosas, sem conteúdo. Do alto do Crenlim, se agita para todos os ventos a bandeira da revolução mundial. Nos países ocidentais da Europa e América existem verdadeiros esquadrões dispostos a lançar-se ao assalto. Itália, França... figuram no calendário soviético como presas cobiçadas. Nos povos coloniais da Ásia e África, aproveita o comunismo as tendências emancipadoras das massas nativas e oferece-lhes como negaça a garantia marxista da livre determinação dos povos.

Para pôr a nu a falsidade destas prédicas, basta exhibir a triste condição das nações caídas sob a órbita vermelha. Há também antecedentes históricos inspreziáveis. Um deles é a atitude de Marx em face ao Congresso Eslavo de Praga, celebrado em junho de 1846. Opondo-se à vontade de independência dos delegados cecos, encabeçados pelo seu chefe Palacky, Marx lançou-lhes em rosto: "A revolução não poderá ser salvaguardada senão pela prática de um terror resoluto contra os povos eslavos que, pelas perspectivas da sua miserável independência nacional, venderam a democracia e a revolução" (Vê-se que Marx reconhecia a democracia como etapa necessária do comunismo... Só os idiotas não compreendem que "democracia" é comunismo em potência — P. N.). (Cfr. Porges: Bakounine, aux portes de France, 1946).

Bebam nas fontes autênticas da doutrina e da história os condutores — como o Pandit Nehru, da Índia (E agora certos botocudos brasileiros republicanos... P. N.) — que supõem achar aliados nos comunistas russos e chineses para se oporem às "tendências imperialistas ocidentais". Para o marxismo, a revolução é mais importante que a miserável independência nacional. Por outro lado, a revolução não é tanto o comunismo como os Soviéticos; deve aplicar-se um terror resoluto (Vejam Fidel Castro, ex-cubano. — P. N.) por conseguinte, contra quantos não trabalhem pela primazia e glória do imperialismo de Moscúvia. O Crenlim tem nas mãos os fios da ofensiva; desatá-los-á quando o considerar oportuno, e, então, terá aplicação a norma aconselhada por Stálin: "As repressões são elemento necessário da ofensiva..." (Les questions du léninisme).

As interpretações abusivas da história, carentes de substância moral, só podem desembocar em quejandas aberrações. O universalismo marxista derivou para uma nova forma de imposição nacional, a velha Rússia dos czares convertida na pátria do socialismo. (E os comunistas fazem nacionalismo URSSista na terra dos outros. — P. N.). Há uma página de Michel Collinet, personalizando, em Stálin, ainda vivo, esta transformação do soviétismo internacionalista. E, em gráficas e merece transcrita: "Para cimentar a rigidez totalitária — diz — servem as mais diversas tradições. Após ser comparado, antes da guerra, com Pedro o Grande, o czar ocidentalizado (ou germanizado), prefere Stálin hoje em dia Ivan o Terrível, o czar unificador e burocrata, mas outrossim inimigo do Ocidente liberal, o destruidor da república mercantil de Novgorod. Buscando a sua razão de ser e legitimidade, não em uma vontade revolucionária, senão em um profundo passado, nacional e oriental, não pode Stálin deter-se em Ivan o Terrível. Remontando o passado, assume, depois destes czares, a sucessão de Bizâncio, isto é, o império onde o poder político é sacerdotal e submete a religião, onde a burocracia do Estado é a base da ordem e da unidade imperial. Como Justiniano quis, em seu proveito, refazer a unidade romana, também quer Stálin a unidade eu-

(Cont. na pág. 5)